

A SOCIEDADE POLÍTICA DAS CIDADES DA PENÍNSULA IBÉRICA NA BAIXA IDADE MÉDIA

Ofícios, mobilidade social
e relações de poder

Organização:

Adelaide Millán Costa
Enrique Ruiz Pillares
Mário Farelo

23 e 24 de Abril de 2020
Webinar e Seminário assíncrono



A sociedade política das cidades da Península ibérica na Baixa Idade Média: ofícios, mobilidade social e relações de poder

La sociedad política de las ciudades de la península ibérica en la Baja Edad Media: oficios, movilidad social y relaciones de poder

Webinar e Seminário assíncrono

23 e 24 de abril de 2020

Organização

Adelaide Millán da Costa

Enrique Ruíz Pillares

Mário Farelo

Instituições

NOVA-FCSH – Instituto de Estudos Medievais

Universidade de Évora - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades

Apoio

Universidade Aberta

Argumentário

A sociedade política das cidades da Península ibérica na Baixa Idade Média: ofícios, mobilidade social e relações de poder

O avanço da «reconquista», no território peninsular, obrigou ao reordenamento sociopolítico das regiões que iam, de forma mais ou menos rápida, caindo sob domínio cristão. Perante a necessidade de estabelecimento de um sistema de governo enquadrador de pessoas, espaços e relações, uma grande parte das comunidades urbanas implantadas, ou que viriam a implantar-se, nesses espaços optaram por um modelo de tomada de decisões e de gestão quotidiana baseado no coletivo. Os concelhos, como eram chamados já nessa época, beneficiaram de uma grande promoção territorial, estabelecendo-se em largas franjas de todos os reinos cristãos ibéricos.

Remetendo para a tripla realidade de comunidade urbana, de instituição jurídica e de órgão dirigente de uma comunidade, a história dos concelhos ibéricos está longe de ser unívoca. De há várias décadas a esta parte, a profícua medievística peninsular não tem ignorado o debate em torno das especificidades das conjunturas de estabelecimento, das modalidades de funcionamento e dos perfis de recrutamento das instituições concelhias no espaço peninsular.

Tais abordagens têm privilegiado, na sua dimensão geográfica e de modo geral, espaços de recorte local, «regional» e mesmo «nacional», em detrimento de observações pan-ibéricas. Assim, este seminário propõe-se privilegiar esta última dimensão, em torno de um diálogo que pretende abranger a totalidade da geografia ibérica cristã medieval.

Para o efeito, e na impossibilidade de abordar de forma abrangente a totalidade do fenómeno concelhio medieval, decidiu-se centrar a questão em torno das sociedades políticas urbanas, um tema aliás bafejado por diversas e multifacetadas abordagens da parte das historiografias portuguesa, castelhana, navarra, aragonesa e catalã. De modo a centrar o inquérito e favorecer o debate no âmbito de um seminário internacional, elegeram-se cinco eixos temáticos de análise:

1. Tipos de ofícios: ofícios de governo municipal; ofícios de representação popular ou profissional; ofícios de representação régia ou senhorial.
2. Mecanismos de seleção de oficiais concelhios: eleição, provimento régio ou senhorial, transmissão hereditária, designações por coletividades ou grupos (freguesias, bandos, confrarias).
3. Origem social dos oficiais municipais (nobreza, cavalaria urbana, mercadores, mesteres).
4. Relações entre oficialato municipal e régio/senhorial periférico e com o povo.
5. Promoção funcional e social dos oficiais concelhios (cursus honorum ao serviço do rei ou dos senhores).

Com a participação de especialistas de todos os reinos cristãos ibéricos medievais, este seminário pretende dar conta da diversidade de matizes que o recrutamento e a organização das entidades concelhias revestiram na península ibérica no período medieval, perspetivando-a à luz de uma dimensão comparativa.

La sociedad política de las ciudades de la península ibérica en la Baja Edad Media: oficios, movilidad social y relaciones de poder

El avance de la "reconquista", en el territorio peninsular, forzó la reorganización sociopolítica de las regiones que paulatinamente caían bajo el dominio cristiano. En vista de la necesidad de establecer un sistema de gobierno que enmarcase a las personas, los espacios y organizase sus relaciones, las comunidades urbanas que fueron configurándose en la península bajo dominio cristiano destacaron desde un primer momento por un modelo de toma de decisiones y gestión diaria basado en la representación colectiva, aunque rápidamente fueron transformándose por la propia estructuración jerárquica de la sociedad. Los concejos, como ya se llamaban en ese momento, empezaron a establecerse, organizarse y estructurarse, con sus diferentes singularidades, por todos los reinos cristianos ibéricos.

Desde hace varias décadas, la fructífera historiografía peninsular medieval no ha ignorado el debate sobre las especificidades de las circunstancias del establecimiento, las modalidades operativas y los perfiles de reclutamiento de las instituciones municipales en el espacio peninsular. Sin embargo, tales enfoques han privilegiado, en su dimensión geográfica y general, espacios locales, "regionales" e incluso "nacionales", en detrimento de las observaciones pan-ibéricas. Así, este seminario tiene como objetivo centrarse en la última dimensión, en torno a un diálogo que pretende abarcar toda la geografía medieval ibérica cristiana.

Con este fin, y ante la imposibilidad de abordar de manera integral todo el fenómeno del municipio medieval, se decidió centrar el tema en las sociedades políticas urbanas, un tema que de hecho está influenciado por enfoques diversos y multifacéticos por parte de las historiografías que han abordado la realidad portuguesa, castellana, navarra o aragonesa. Para estructurar y alentar el debate dentro de un seminario internacional, se eligieron cinco ejes temáticos de análisis:

1. Tipos de oficios municipales: gobierno municipal, representación popular o profesional; representación real o señorial.
2. Mecanismos para la selección de los oficiales municipales: elección regia o señorial, transmisión hereditaria, designaciones por colectivos o grupos (parroquias, grupos, cofradías).
3. Procedencia social de los oficiales municipales (nobleza, caballería urbana, comerciantes, artesanos, etc).
4. Relaciones de poder entre los concejos, la monarquía, la nobleza señorial y la comunidad urbana.
5. Promoción social de los oficiales municipales (cursus honorum al servicio del rey o señores).

Con la participación de medievalistas que se han especializado en el estudio de la organización concejil de los diferentes reinos cristianos ibéricos bajomedievales, este seminario pretende dar cuenta de la diversidad de matices en la organización interna de las sociedades políticas urbanas de la península ibérica que nos permita asentar las bases para una historia comparativa.

Programa

23 de abril de 2020

10h00 | ABERTURA

10h15 – 13h30 | DIVERSIDADE GEOPOLÍTICA

Maria Álvarez FERNÁNDEZ, ““Ajuntados por pregón todos en un acordo”. Régimen concejil y oficios municipales en el norte de la Península Ibérica a fines de la Edad Media: ejemplos representativos”

José Antonio JARA FUENTE, “Sociedad urbana, poder y participación política. Ciudades y villas castellano-manchechas en la Baja Edad Media.”

Enrique José RUIZ PILARES, “El gobierno de las ciudades andaluzas en la Baja Edad Media: el control de las élites caballerescas”

BREAK

Juan Antonio BARRIO BARRIO, “Mecanismos de selección, participación social y sistemas de promoción en los municipios de la Corona de Aragón (ss. XIII-XV)”

Joaquim SERRA, “Estratégias de mobilidade e de afirmação social das elites eborenses nos finais da Idade Média”

Alicia Inés MONTERO MÁLAGA, “Élites urbanas y oficiales concejiles en el reino de Navarra: las villas de Olite, Estella, Tudela y Pamplona”

Gonçalo Melo da SILVA, “Governar as vilas portuárias do Algarve nos finais da Idade Média: Os órgãos concelhios e os homens do poder”

15h00 – 16h30 | DIVERSIDADE JURISDICIONAL

Manuela Santos SILVA, “Ofícios e poderes justapostos e complementares nas vilas das rainhas de Portugal nos séculos XIV e XV.”

Víctor MUÑOZ GÓMEZ, “Instituciones, agentes y dinámicas de poder en los concejos de señorío de la Castilla bajomedieval”

Ana Cláudia SILVEIRA, ““Os vereadores não são temidos como é razão”: o governo de uma vila portuária do senhorio espatário no final da Idade Média”

Raquel de Oliveira MARTINS, “O acesso às magistraturas concelhias em Braga no século XIV e XV: recrutamento, eleição e manutenção dos cargos municipais”

16h30 – 17h30 | **HIPÓTESES E LIMITES DA COMPARAÇÃO ENTRE OS DIVERSOS CASOS IBÉRICOS**

Painel de comentadores:

Maria Helena da Cruz COELHO

Hermínia Vasconcelos VILAR

Arnaldo MELO

Adelaide Millán da COSTA

Mário FARELO

17h30 | **ENCERRAMENTO DO WEBINAR**

24 de abril de 2020

Discussão assíncrona, ao longo do dia, partindo dos textos apresentados, com intervenções dos comunicantes, do painel de comentadores e dos participantes inscritos.

Os resultados do debate serão publicados.

Oradores:

Alicia Inés MONTERO MÁLAGA | Professora da Universidade Autónoma de Madrid

“Élites urbanas y oficiales concejiles en el reino de Navarra: las villas de Olite, Estella, Tudela y Pamplona”

Resumo:

El objetivo de este trabajo será el de examinar de manera comparada los diferentes regímenes municipales de las villas navarras de Olite, Estella, Tudela y Pamplona. De manera particular se atenderá a los procesos de inserción y acceso de las élites urbanas a la institución concejil en aquellos oficios en los que descansa la acción de gobierno (jurados, alcaldes, consejeros y prebostes). En este sentido, se analizarán los mecanismos y resortes empleados por este segmento social para su perpetuación en el sistema concejil.

Nota curricular:

Licenciada en Historia (2010) y Doctora en Historia Medieval por la Universidad Autónoma de Madrid (2017). Ha sido beneficiaria de un contrato postdoctoral Juan de la Cierva en la Universidad Pública de Navarra (2019-2020). En la actualidad, Profesora Ayudante Doctor en la Universidad Autónoma de Madrid. Es Investigadora Colaboradora de I-Communitas (Institute for Advanced Social Research). A su vez, miembro de los proyectos de investigación: Ciudad y nobleza en el tránsito a la modernidad: autoritarismo regio, pactismo y conflictividad política. Castilla, de Isabel I a las Comunidades (ref. HAR2017- 83542-P) y MIGRAVIT. La Muerte del Príncipe en Francia y en los reinos hispánicos. Ss. XI-XV (ref. HAR2016-74846-P). Líneas principales de investigación: Historia Urbana, Nobleza, Élites de Poder, Clientelismo, Redes Sociales. Destaca su monografía; El linaje de los Velasco y la ciudad de Burgos (1379-1474). Identidad y poder político. Madrid, 2012.

Ana Cláudia SILVEIRA | Doutoranda na Universidade Nova de Lisboa, FCSH

““Os vereadores não são temidos como é razão”: o governo de uma vila portuária do senhorio espatário no final da Idade Média”

Resumo:

Entre os múltiplos aspectos que importa esclarecer sobre a inserção urbana das ordens militares, a questão da constituição de redes sociais em torno das milícias é essencial para a compreensão da intervenção desses institutos tanto no plano económico como no político.

Entre as questões que urge clarificar, podemos elencar a origem social dos membros do oficialato das ordens militares, a sua formação e preparação técnica, a eventual ligação familiar com freires e cavaleiros das milícias, a eventual ligação a núcleos urbanos integrados na jurisdição das ordens militares e em particular às suas elites, a possível existência de processos de mobilidade geográfica e social, ou ainda a inserção e influência exercida por esse corpo de oficiais noutras esferas da vida local, quer no plano económico, no âmbito do desenvolvimento de estratégias de investimento, quer no plano político, designadamente ao nível da participação no governo urbano.

O caso da vila portuária de Setúbal no século XV pode fornecer indicações a respeito de algumas destas questões.

Inserida nos domínios jurisdicionais da ordem militar de Santiago de Espada e integrada na Mesa Mestral desde o século XIV, Setúbal viria a notabilizar-se pela produção e comércio internacional de sal, beneficiando de condições portuárias de exceção e da proximidade face a Lisboa. A centralidade económica deste espaço no âmbito dos interesses da Ordem de Santiago e a sua proximidade relativamente ao convento da Ordem, primeiro localizado em Alcácer do Sal e posteriormente transferido para Palmela, tornaram Setúbal uma presença frequente dos administradores do Mestrado e da sua cúpula administrativa, aí fixando residência os Infantes D. João, D. Fernando e D. Jorge de Lencastre e respectivas famílias, bem como diversos comendadores santiaguistas e alguns dos mais importantes oficiais da administração espatária. Assim, importa perceber que relações se estabeleceram entre a ordem militar de Santiago e as elites locais e de que modo a presença dos Espatários se reflectiu no exercício do governo urbano.

Nota curricular:

Ana Cláudia Silveira licenciou-se em História na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1994, encontrando-se actualmente a preparar uma dissertação de doutoramento em História Medieval, desenvolvendo investigação sobre Setúbal sob orientação da Professora Doutora Amélia Aguiar Andrade.

É membro do Instituto de Estudos Medievais (IEM - FCSH/NOVA) e integra a equipa da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, que funciona sob coordenação do CHAM – Centro de Humanidades (FCSH/NOVA).

Desempenha funções como técnica superior na Câmara Municipal do Seixal desde 2000, onde tem desenvolvido investigação e projectos expositivos relacionados com o Moinho de Maré de Corroios. Entre 2004 e 2006, coordenou o projeto internacional “Moinhos de Maré do Ocidente Europeu”, financiado pelo Programa Cultura 2000 da Comissão Europeia.

Tem publicado diversos artigos centrados na organização e desenvolvimento dos espaços litorais, na gestão territorial promovida pela Ordem Militar de Santiago nos seus domínios e na relação da instituição com outras esferas de poder.

Recebeu, em 2016, o Prémio de História Alberto Sampaio com o trabalho “Lavrar o Mar: a dinâmica da produção de sal em Setúbal no contexto dos salgados portugueses. Etapas de uma afirmação internacional” e, em 2017, foi-lhe atribuído o prémio Doutor José Silva Maltez do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS) pelo ensaio “Testemunhos históricos sobre a evolução da linha de costa em Portugal”.

Enrique José RUIZ PILARES | Professor da Universidade de Cádiz

“El gobierno de las ciudades andaluzas en la Baja Edad Media: el control de las élites caballerescas”

Resumo:

En esta intervención se analizará la formación de los grupos dirigentes de las ciudades andaluzas entre los siglos XIII y XV durante el proceso de conquista cristiana del territorio. El control del concejo por un reducido grupo de familias de origen caballeresco desde mediados del siglo XIII quedó consolidado e instituido con la creación del regimiento o concejo cerrado a comienzos del siglo XIV por Alfonso XI. A partir de este momento, el acceso a los órganos de poder estuvo reducido a familias y personajes vinculados a la vida militar, el control de destacados patrimonios agropecuarios, y, sobre todo, el favor de la monarquía y la Alta Nobleza. Un predominio social que quedó consolidado con estrategias de creación de clientelas verticales en sus ciudades y la formación de facciones, cuyo enfrentamiento, no era más que una ritualización y manifestación de su poder. A pesar de ello, hubo toda una serie de individuos y familias enriquecidas a través del comercio y la artesanía que consiguieron acceder a ciertas cuotas de poder, y en algunos casos, al propio regimiento, tras emparentas con los linajes dirigentes, invertir en tierras y aceptar los ideales y modos de vidas caballerescos. Poco margen de organización política quedó en manos del común de los vecinos, aunque en la documentación se ha podido rastrear ciertos movimientos de protesta y el protagonismo de ciertos sectores acomodados, que venimos llamando “élite del común”.

Nota curricular:

Doctor en Historia y Arqueología Marítimas (2017), es profesor del área de Historia Medieval de la Universidad de Cádiz y miembro del Grupo “Medievalismo Gaditano” (PAIDI HUM 182) y del “Seminario Agustín de Horozco” (Universidad de Cádiz). Sus principales líneas de investigación son el estudio de las sociedades políticas urbanas y las redes portuarias del litoral andaluz bajomedieval a partir de la aplicación de los Sistemas de Información Geográfica (SIGs). Entre sus trabajos más importantes destacamos los artículos “El paisaje portuario en la bahía de Cádiz a finales de la Edad Media: los muelles fluviales” (Riparia, 2019), y, en colaboración con Michel Bochaca, “Un exemple de relations commerciales entre le pays de León et l’Andalousie au début du XVI^e siècle, d’après le compte d’un marchand de Morlaix” (Annales de Bretagne et des Pays de l’Ouest, 2016).

Gonçalo Melo da SILVA | Doutorando na Universidade Nova de Lisboa, FCSH

“Governar as vilas portuárias do Algarve nos finais da Idade Média: Os órgãos concelhios e os homens do poder”

Resumo:

Em Portugal, os órgãos concelhios dos aglomerados urbanos de pequena e média dimensão e os homens que os ocuparam constituem um campo promissor, mas ainda pouco trabalhado, devido à dificuldade em encontrar fontes documentais que permitam o seu estudo. Não obstante, esta comunicação pretende estudar os órgãos concelhios das vilas algarvias e os homens que os desempenharam nos finais da Idade Média. Num primeiro momento procuraremos refletir sobre as disponibilidades documentais para o estudo desta temática no Algarve, focando as potencialidades e limitações da documentação existente. Seguidamente, pretendemos apresentar os órgãos concelhios, o sistema de recrutamento e reconstituir o perfil sociológico dos homens que governaram as urbes algarvias.

Nota curricular:

Gonçalo Silva é bolseiro de doutoramento da FCT no IEM, FCSH/NOVA com o projeto de doutoramento europeu: As Portas do Mar Oceano: Vilas e Cidades Marítimas Algarvias na Idade Média (1249-1521). Licenciou-se em História (2010) e obteve o seu Mestrado em História – Área de Especialização História Medieval na Universidade Nova de Lisboa (2012). Recebeu pelo seu trabalho a Bolsa de Mérito da NOVA (2012) e o Prémio de Melhor Mestre em História da FCSH (2013). Em 2016, realizou estâncias de investigação nas Universidades da Cantábria (Espanha) e de Leiden (Holanda). As suas áreas de interesse são história medieval, história marítima, história urbana e história religiosa, assim como as Humanidades Digitais e Comunicação de Ciência. As suas principais publicações incluem: “A Coroa, as vilas e o mar: A Rede Urbana Portuária do Algarve (1249-1325)”, in COSTA, Adelaide Millán et al (coord.), O papel das pequenas cidades na construção da Europa medieval. Lisboa: IEM, CMCV, pp. 547-575; “Un poder que viene del Mar Océano: Las Cofradías de los Hombres del Mar en el Algarve a fines de la Edad Media”, in B. ARÍZAGA BOLUMBURU e J. a. SOLÓRZANO TELECHEA (eds.), Las sociedades portuarias de la Europa Atlántica en la Edad Media. Logroño: IER, 2016, pp. 115-135. Atualmente participa em vários projetos nacionais, internacionais e europeus e é bolseiro na Infraestrutura ROSSIO.

Joaquim Bastos SERRA | Investigado integrado no CIDEHUS-UÉ

“Estratégias de mobilidade e de afirmação social das elites eborenses nos finais da Idade Média”

Resumo:

A comunicação tem como objetivo refletir sobre as lógicas, os mecanismos e as estratégias de mobilidade social de indivíduos e famílias ligadas à governação municipal de Évora, entre os finais do século XIV e os meados da centúria de Quatrocentos.

Tendo em atenção os níveis de elitização e de oligarquização que o poder concelhio conhecia nos finais da Idade Média, a entrada de indivíduos e dos grupos familiares no círculo restrito dos que governavam as cidades e as vilas é muitas vezes, ela própria, o resultado de trajetórias e de percursos ascensionais. Mas se o acesso à governação urbana tinha sempre atrás de si percursos de descolagem face ao comum da população, o controlo do poder local acabava também, para muitos, por se revestir de especial importância para a manutenção e reforço das suas posições.

O estudo das elites locais, e particularmente das oligarquias concelhias, constitui, por isso, um campo privilegiado para analisar os fenómenos de mobilidade em contextos citadinos. Muito embora estes fenómenos fossem comuns à generalidade dos núcleos urbanos, eles ganhavam particular força nas vilas e cidades de maior dimensão, relevância e dinamismo, como era o caso de Évora.

Não nos parece possível, por esse motivo, refletir sobre as questões da mobilidade, em Évora, sem levar em consideração o próprio contexto da cidade. Relembre-se que estamos face a uma das maiores cidades do reino, sede episcopal, cabeça de Comarca e de Almoxarifado, que conheceu no apόs crise dinástica de 1383-1385 uma crescente projeção no quadro sociopolítico do reino, que fez da urbe um dos principais polos de permanência da corte. Este facto conferiu aos dirigentes locais uma projeção acrescida e um contacto próximo com os grandes do reino e com a máquina burocrática do poder central. Tudo isso se refletiu na própria administração municipal que surge muito marcada pelas lógicas da coroa. Um quadro que devemos ter presente quando equacionamos os fenómenos de mobilidade dos que governaram a cidade.

Mas para que possamos entender plenamente os fenómenos de mobilidade, importa também deixar claro o que o perfil social dos dirigentes municipais eborenses estava longe de ser homogéneo. Ou melhor, essa homogeneidade era apenas aparente, já que, na realidade, os níveis de prestígio, de poder e de influência dos que integravam o círculo governativo eram diferenciados.

Contudo, apesar das diferenças que pudesse ter entre si sob o ponto de vista social, os homens que dirigiram a cidade compartilhavam algo em comum. Todos eles e os respetivos grupos familiares tinham já feito, há mais ou menos tempo, um percurso de reconhecimento e de destaque, encontrando-se no transcurso de processos de reforço das respetivas posições que iam ganhando cambiantes diversos de acordo com o patamar em que cada um se encontrava.

Lustraremos esses processos a partir do exemplo de algumas famílias ligadas à governação que patenteavam perfil diverso e que tiveram também processos de reconhecimento social algo diferenciados.

Nota curricular:

Licenciado em História, pela Universidade de Évora, mestre em História da Idade Media, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e Doutor em História pela Universidade de Évora. É membro integrado do CIDEHUS/Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora, onde tem vindo a integrar vários projetos de investigação sobre as realidades sociopolíticas do Sul no período medieval.

José Antonio JARA FUENTE | Professor Catedrático da Universidade de Castilla-La Mancha

“Sociedad urbana, poder y participación política. Ciudades y villas castellano-manchechas en la Baja Edad Media.”

Resumo:

Tradicionalmente, las estructuras urbanas de poder en la Edad Media castellana se han concebido desde perspectivas de dominación de naturaleza oligárquica, cerradas alrededor de un grupo reducido de familias/linajes y sujetas a procesos de movilidad social de alcance relativo en función del espacio urbano concreto y la cronología objeto de análisis. Dicha imagen se enfatiza a partir del momento en el que en Castilla se introduce y difunde el regimiento, que habría venido a potenciar el papel rector de un grupo aún más reducido de familias/linajes urbanos de poderosos, y a limitar la capacidad de incorporación a la dominación de otros colectivos pues, así mismo, el regimiento habría supuesto la cooptación de individuos procedentes de la baja nobleza, especialmente de hidalgos.

El objetivo de esta ponencia se dirige a mostrar cómo la participación política debe ser entendida de una manera más amplia que la sola inserción en la estructura central de dominación, el regimiento. Desde este planteamiento, se resalta la incorporación efectiva de otras familias/linajes y otros colectivos de caballeros y pecheros al ejercicio y disfrute de los mecanismos de poder, tanto en el ámbito del realengo como del señorío. Examinándose los mecanismos personales e institucionales que facilitaron dichos procesos.

Nota curricular:

Licenciado en Derecho (UCM, 1986), Licenciado en Geografía e Historia (UAM, 1993), y Doctor en Historia Medieval (UAM, 1999). Profesor Titular de Universidad en la Universidad de Castilla-La Mancha. Responsable de 93 publicaciones científicas, ligadas a una línea de investigación centrada en el mundo urbano medieval, y específicamente en los procesos de construcción y desenvolvimiento del poder, lo que me ha llevado a examinar con detalle el aparato formalizado y no formalizado de poder, la organización de la estructura social implicada, los mecanismos fiscales y financieros la identidad política subyacente e impulsando estos procesos, y las relaciones entre las agencias urbana, monárquica y especialmente noble. Miembro del equipo de investigación de 15 proyectos nacionales e internacionales, e investigador principal de otros 5 proyectos, en la actualidad del proyecto Ciudad y nobleza en el tránsito a la modernidad: autoritarismo regio, pactismo y conflictividad política. Castilla, de Isabel I a las Comunidades, participado por la UCLM, UAM y Universidad de Salamanca (Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades, Ref. HAR2017-83542-P, período 2018-2021).

Juan Antonio BARRIO BARRIO | Professor Catedrático da Universidade de Alicante

“Mecanismos de selección, participación social y sistemas de promoción en los municipios de la Corona de Aragón (ss. XIII-XV)”

Resumo:

La Corona de Aragón era un conglomerado político constituido por diferentes reinos y condados, que tenían sus propias instituciones y órganos de poder. Cada entidad política de la Corona de Aragón convocaba Cortes Reales, disponía de sus propias leyes, sistemas fiscales y moneda diferenciada.

En este contexto se aprecia una aparente simetría institucional en los modelos de organización administrativa y política de las ciudades y villas del territorio, constituidas en Universitas mediante la preceptiva concesión regia. La peculiaridad de las normativas forales en Aragón, Cataluña, Mallorca y Valencia, generó instituciones municipales específicas con sus correspondientes mecanismos de selección, participación social y sistemas de promoción en las villas y ciudades regias de la Corona de Aragón.

El objetivo de la ponencia es analizar los diferentes mecanismos de selección, participación social y sistemas de promoción en las villas y ciudades reales de la Corona de Aragón, a partir del estudio de los diferentes sistemas electorales establecidos en cada centro urbano de la Corona de Aragón, los perfiles sociales de los grupos dirigentes de cada municipio y los mecanismos de promoción social y política en cada urbe regia de la Corona de Aragón entre los siglos XIII y XV.

Nota curricular:

Catedrático de Historia Medieval de la Universidad de Alicante. Doctor en Historia Medieval con una tesis doctoral sobre el gobierno municipal en Orihuela durante el reinado de Alfonso V (1416-1458). Es especialista en Historia del mundo urbano en la Corona de Aragón y ha centrado sus investigaciones en la ciudad de Orihuela en la Edad Media. Ha dirigido su atención en los últimos años a la temática de la identidad urbana, así como al estudio de la Inquisición española y los conversos de judío y las minorías religiosas. Ha sido miembro de proyectos de investigación de las Universidades de Castilla La Mancha, Universidad Autónoma de Madrid y Universidad de Valencia. Es co-director de la Revista Anales de la Universidad de Alicante. Historia Medieval. Publicación anual de carácter científico y de reconocido prestigio internacional. Ha publicado varios libros y más de treinta capítulos de libros, más de treinta artículos editados en publicaciones científicas de su especialidad, de los cuales la mayoría lo han sido en revistas con índice de calidad contrastados. Ha participado en más de setenta Congresos, Coloquios, Simposios, Jornadas y Seminarios, nacionales e internacionales de Historia Medieval.

Manuela Santos SILVA | Professora da Universidade de Lisboa

“Ofícios e poderes justapostos e complementares nas vilas das rainhas de Portugal nos séculos XIV e XV”

Resumo:

Algumas vilas do Portugal Medieval que estavam sob jurisdição do rei estiveram, esporadicamente ou de forma quase permanente, sob jurisdição ou da infanta ou rainha-consorte ou da rainha-mãe. Para que isso acontecesse, era passada, por altura do casamento de cada uma delas com o infante herdeiro do trono ou com o rei, uma carta de doação de certas vilas em que não só a jurisdição lhes era atribuída como todas as rendas e direitos reais que sobre elas incidia. As cartas de “arras” não demonstravam qualquer limitação ao exercício dessa autoridade por parte das donatárias, mas sabemos que em matéria militar continuavam a estar inteiramente sujeitas ao rei, havendo ainda algumas – poucas – ocasiões de exceção em que oficiais superiores ao serviço do rei, podiam exercer alguns poderes nas “Terras da Rainha”.

Como consequência desta situação, nos concelhos sob jurisdição das rainhas, cruzavam-se oficiais com diferentes obediências, complementando-se em alguns casos, sobrepondo-se, esporadicamente, em certas ocasiões. É esta complexa malha administrativa, bem como as formas como eventuais conflitos eram dirimidos, que tentaremos abordar nesta comunicação.

Nota curricular:

Manuela Santos Silva

Doutorada em História Medieval pela Universidade de Lisboa onde é docente na Faculdade de Letras.

Investigadora integrada do Centro de História da Universidade de Lisboa e investigadora associada do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa.

Pertence aos órgãos dirigentes da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais.

Coordenou com Ana Maria S. A Rodrigues e Isabel dos Guimarães Sá a coleção "Rainhas de Portugal" editada pelo Círculo de Leitores entre 2011 e 2013 e em publicação na Temas & Debates. Foi autora da obra Filipa de Lencastre. A Rainha Inglesa de Portugal, agraciada com uma menção honrosa e com o Prémio Joaquim Veríssimo Serrão - História, atribuído pela Academia Portuguesa de História e pela Fundação Engenheiro António de Almeida em 2012.

Coordenou com Ana Maria S. A Rodrigues e Ana Leal de Faria a coleção “Casamentos da Família Real Portuguesa” em 4 volumes, editada pelo Círculo de Leitores entre 2016 e 2018.

Maria Álvarez FERNÁNDEZ | Professora da Universidade de Oviedo

““Ajuntados por pregón todos en un acordo”. Régimen concejil y oficios municipales en el norte de la Península Ibérica a fines de la Edad Media: ejemplos representativos”

Resumo:

El sistema de provisión de los oficios municipales en los concejos realengos mediante elección, directa o indirecta, del concejo, conoció en Asturias, en el curso de la Baja Edad Media, algunas variantes impuestas en muchos casos por los representantes del poder central, en pugna con las ordenanzas escritas y los “usos y costumbres” tradicionales de las entidades locales urbanas. Parece, sin embargo, que los concejos asturianos siguieron ejerciendo en el siglo XV la facultad exclusiva de elegir a sus propios representantes oficiales, invocando normas escritas o consuetudinarias que, elaboradas por las propias asambleas concejiles, regulaban el lugar, tiempo y forma de dichas elecciones frente a los frecuentes intentos de la nobleza local de mediatizar esos “usos democráticos” e imponer a sus propios candidatos sin recurrir a la consulta popular.

En nuestro análisis se incorporarán, para el caso asturiano, las ordenanzas municipales más antiguas conservadas de Oviedo y relativas a la elección de los oficios concejiles (1264) y las cláusulas que, sobre este asunto, incorporan las cartas pueblas de las nacientes villas nuevas a fines del siglo XIII, tanto regias como de señorío eclesiástico, confrontando el particularismo asturiano con otros ejemplos de la cornisa cantábrica (villas cántabras y vascas, fundamentalmente). Ya a fines de la Edad Media, la intervención de la administración regia en la regulación de este tipo de normativas electorales ha dejado interesantes testimonios escritos —por ejemplo, las Ordenanzas del corregidor Hernando de Vega— que evidencian el interés de los Reyes Católicos por reformar la vida política municipal y reconducir los problemas generados por aquellas costumbres “de tiempo inmemorial”

Nota curricular:

María Álvarez Fernández es profesora Titular en el Departamento de Historia de la Universidad de Oviedo desde octubre de 2019 y Doctora por esta misma Universidad con Mención Internacional desde 2006. Desarrolló en la Università degli Studi di Siena su formación postdoctoral gracias a un contrato docente e investigador FICYT en el marco de la Scuola di Dottorato Riccardo Francovich. Storia e Archeología del Medioevo los años 2007 a 2009, estancia que le ha permitido desarrollar un fructífero intercambio de colaboraciones interuniversitarias en universidades de reconocido prestigio como Siena, Florencia, Pisa, Piemonte Oriental o Roma.

Sus líneas de investigación abarcan el complejo ámbito de las sociedades urbanas medievales desde múltiples perspectivas como el urbanismo y la morfología de los espacios urbanos, la obra pública y el patrimonio inmobiliario, las políticas concejiles, las haciendas locales y la fiscalidad municipal, las identidades cívicas y las corporaciones profesionales y las cofradías religiosas, ópticas siempre circunscritas a los siglos finales de la Edad Media. En la actualidad, trabaja en una línea de investigación relacionada con las villas portuarias y comerciales de la Asturias medieval gracias a su participación en el proyecto de investigación Política, instituciones y gobernanza de las villas y ciudades portuarias de la Europa atlántica en la Baja Edad Media. Análisis Comparativo Transnacional (HAR2017-83801-P) que forma parte de la Red de Excelencia La gobernanza de los puertos atlánticos, siglos XV-XXI (HAR2016-81812-REDT)

Ha participado como investigadora colaboradora en seis proyectos de investigación obtenidos en convocatorias públicas competitivas, nacionales y autonómicas y el resultado de dichas colaboraciones ha sido la publicación de cuatro libros de autoría única (2008, 2009, 2011, 2014), un quinto en coautoría (2015) y la edición de dos monografías. Supera, asimismo, las cincuenta publicaciones en monografías nacionales y extranjeras derivadas, en su mayoría, de su participación en congresos nacionales e internacionales.

Raquel de Oliveira MARTINS | Doutoranda na Universidade do Minho

“O acesso às magistraturas concelhias em Braga no século XIV e XV: recrutamento, eleição e manutenção dos cargos municipais”

Resumo:

Os aspectos relacionados com o processo de recrutamento, eleição e manutenção dos cargos concelhios em Braga, nos séculos XIV e XV, só conseguem ser compreendidos quando inseridos num quadro político-jurídico mais abrangente, preconizado pela especificidade da pertença da cidade a um senhorio eclesiástico, pelo menos desde 1112, com uma curta interrupção, em que foi senhorio régio, de 1402-1472. A quase inexistência de fontes de carácter municipal em Braga, para Trezentos e Quatrocentos, e dentro destas, as mais paradigmáticas - as Actas de Vereação -, tipologia documental que, pela sua natureza, seria aquela que nos explicaria todo o processo eleitoral concelhio, fornecendo-nos aspectos sobre o recrutamento, eleição e manutenção das magistraturas municipais, torna um pouco mais difícil a análise e compreensão cabal desses processos políticos. Socorremo-nos então, de fontes de outra natureza, mais indirecta, como a documentação da Mitra e do Cabido de Braga, bem como das Chancelarias Régias. Escrituras de natureza notarial, como emprazamentos e aforamentos elaborados em sede de vereação, bem como outros de natureza jurídica, como sentenças, fornecem-nos informações importantes sobre os homens, os cargos, as profissões, o parentesco, etc., que acediam aos cargos concelhios. Se é seguramente verdade que as fontes documentais de suporte a esta temática, são mais abundantes para o séc. XV, de que para o século XIV, o que é certo é que para este último, também existem algumas informações, de carácter mais qualitativo, e igualmente preciosas, que nos dão um vislumbre da vida concelhia num senhorio eclesiástico. O nosso objectivo para este Seminário Internacional, intitulado A sociedade política das cidades da Península ibérica na Baixa Idade Média: ofícios, mobilidade social e relações de poder, é traçar um quadro evolutivo comparativo da municipalidade bracarense, no período de senhorio eclesiástico (séc. XIV até 1402), e no período de senhorio régio (1402-1472), mapeando quando possível, o processo eleitoral concelhio bracarense, rastreando as mudanças e continuidades no antes e depois 1402, numa análise onde serão tidas em linha de conta as solidariedades de grupo, a vassalagem e lealdade ao(s) senhor(es) da cidade, os esquemas políticos de favorecimento, a patrimonialização dos cargos concelhios, etc.

Nota curricular:

Licenciada em História pela Universidade do Minho e Mestre em História, na mesma universidade, ramo do conhecimento: História da Idade Média, com dissertação sobre o funcionamento da estrutura concelhia bracarense, na segunda metade do século XV.

Actualmente a finalizar o Doutoramento em História Medieval, na Universidade do Minho, em cotutela com a Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, com o título do projecto: O poder de governar. Instituições, ideologias e representações em Braga no final da Idade Média (séc. XIV e XV). Este projecto foi financiado pela FCT, com uma Bolsa de Doutoramento, ref. SFRH/BD/100839/2014 Ref.^a CRM:0066651, que terminou em Outubro de 2019. Este projeto de doutoramento visa estudar não só as dinâmicas dos poderes políticos, em Braga, nos séculos XIV e XV, inserindo-as num contexto de ação mais alargado (nacional e europeu), mas também, observar e entender os processos político-sociológicos ocorridos na cidade durante esse período, à luz das correntes ideológicas da filosofia do poder, bem como da teoria e do pensamento político dos finais da Idade Média. Tentarei identificar os organismos e estruturas de poder atuantes na cidade, analisando o papel dos vários agentes, laicos e eclesiásticos, nas transformações políticas ocorridas no período em estudo. Serão estudadas ainda, as relações de poder e domínio entre as várias instituições políticas e sociais, em convívio na cidade de Braga. Linhas de investigação: História do poder político medieval; teoria e filosofia política medieval; história social medieval; a arte medieval como manifestação do poder político; memória colectiva e palimpsestos ideológicos na Idade Média.

Víctor MUÑOZ GÓMEZ | Professor da Universidade de La Laguna | Espanha.

“Instituciones, agentes y dinámicas de poder en los concejos de señorío de la Castilla bajomedieval”

Resumo:

Pese a tratarse, en su mayoría, de núcleos de tamaño pequeño y medio y de influencia menor que las ciudades de realengo, la mayoría de centros urbanos castellanos entre el siglo XIV y el siglo XVI se vieron caracterizados – y con ello, gran parte del territorio y de la población del reino – por hallarse bajo el dominio de parentelas aristocráticas laicas o de distintos señores eclesiásticos. De este modo, las villas y lugares de señorío suponen una categoría fundamental a la hora de entender el horizonte urbano y su gobernanza en la Corona de Castilla del final de la Edad Media.

En la siguiente presentación se ofrecerá una panorámica general sobre la evolución de los aparatos de gobierno concejil en estos centros señoriales y las dinámicas de ejercicio del poder que afectaron a las sociedades urbanas en su relación con los poderes señoriales. Para ello, se analizarán ejemplos del conjunto del territorio de la monarquía castellana, si bien se atenderán particularmente aquellos procedentes de las regiones centrales en ambas Mesetas, el área riojana y Extremadura.

De este modo, interesará poner de relieve, por un lado, los procesos de implantación del sistema de gobierno del regimiento, la elitización en la composición y formas de acceso al concejo que supuso que supuso el mismo para los distintos colectivos sociales urbanos – y de las áreas rurales vinculadas a villas y ciudades – y la influencia de los intereses señoriales a la hora de decantar la cristalización institucional última de los órganos concejiles o la promoción a diversos oficios. En este sentido, pese a la existencia de evidentes resistencias desde el seno de las sociedades urbanas, la penetración progresiva del sistema de poder señorial en estos concejos ha de vincularse a los esfuerzos para controlar el nombramiento de oficiales, a la supervisión del funcionamiento ordinario de los concejos mediante la imposición de corregidores y alcaldes mayores y, al mismo tiempo, a la clienterización de buena parte de las élites locales mediante su integración en las casas señoriales.

Nota curricular:

Profesor Ayudante Doctor en la Universidad de La Laguna y miembro del Grupo de Investigación Castilla y el Mar en la Baja Edad Media del Instituto Universitario de Estudios Medievales y Renacentistas en dicha universidad.

Se doctoró en la Universidad de Valladolid y ha realizado estancias de investigación en centros del Consejo Superior de Investigaciones Científicas en Madrid y Barcelona, el Laboratoire de Médiévistique Occidentale de Paris (Francia), la Universidad Nacional de Mar del Plata (Argentina), la Universidad de Friburgo (Suiza) y la Universidad Nacional Autónoma de México.

Sus líneas de investigación abarcan el estudio de la sociedad feudal, los poderes señoriales y el clientelismo aristocrático en la Castilla bajomedieval, el análisis regional de las “Extremaduras históricas”, la Historia de la frontera atlántica castellana al final de la Edad Media y la enseñanza de la Historia en la Educación Secundaria.

Ha participado en numerosos eventos científicos y publicaciones de monografías, capítulos de libros y artículos en revistas como Anuario de Estudios Medievales, Mélanges de la Casa de Velázquez, eHumanista Journal of Iberian Studies, En la España medieval, Reti Medievali o Medievalismo además de en la coordinación de varios volúmenes colectivos en España y distintos países de Europa y América. Su trayectoria académica ha sido reconocida con distintos premios como el X Premio de Historia Ateneo de Sevilla, por su obra sobre Fernando “el de Antequera” y Leonor de Alburquerque.

En el año 2018, el CSIC ha publicado su último libro El poder señorial de Fernando “el de Antequera” y los de su casa. Señorío, redes clientelares y sociedad feudal en Castilla durante la Baja Edad Media. Actualmente trabaja en diferentes proyectos relativos a las dinámicas del mundo atlántico entre el final de la Edad Media y la Temprana Edad Moderna y el estudio comparado de las narrativas de conquista castellanas en la Península Ibérica en los siglos XIV-XV, en la conquista de las Canarias y la expansión hispana en América. Además, ultima la publicación de la Colección Diplomática de Villalón de Campos y su comarca (siglo X-1474) y un estudio monográfico sobre la casa y clientela en Castilla, de Juan de Aragón, rey de Navarra.

Comentadores:

Arnaldo MELO | Professor da Universidade do Minho. Licenciado em História (1990) e Mestre em História Medieval (1996) pela FLUP; Doutor em História da Idade Média (2009) pela Universidade do Minho (UM) e ÉHESS (Paris); Agregação em História da Idade Média pela UM (2017). Professor Auxiliar com Agregação do Dep. de História do ICS da Universidade do Minho; Investigador do Lab2PT da UM; investigador associado do LAMOP – Univ. Paris 1 e CNRS.

Temas de investigação principais: História económica e social medieval: indústria, produção e trabalho dos mesteirais nos sécs. XIV a XVI. Sociedades, economia, política e espaços urbanos medievais; história da construção e história ambiental. Os mesteres e o poder concelhio.

Vários trabalhos publicados e orientação de dissertações sobre estes temas. Participa em redes e projetos internacionais sobre os mesteres medievais. É o Investigador Responsável do Projeto Medcrafts - Regulamentação dos mesteres em Portugal nos finais da Idade Média: séculos XIV e XV, financiado pela FCT

Hermínia Vasconcelos VILAR: Professora associada com agregação no Departamento de História da Universidade de Évora onde leciona desde 1989. Foi vice-reitora com o pelouro do Ensino e Formação entre 2010 e 2014. É membro integrado do CIDEHUS.

Foi investigadora responsável do projeto PTDC/EPH-HIS/4964/2012 - A Dimensão europeia de um grupo de poder: o clero e a construção política das monarquias ibéricas (séculos XIII-XV) (2013-2015) bem como dos projetos The Death of the Prince in France and Hispanic Kingdoms (11th-15th centuries) Models of comparison. (HAR2016-74846-P MIGRAVIT); “Expresividad, sentimiento y emoción (siglos XII-XV)” (HAR2016-75028-P) e OECONOMIA STUDII. Funding, management and resources of the Portuguese university: a comparative analysis (13th-16th centuries) (PTDC/EPHHIS/3154/2014). 2016-2019).

As suas áreas de estudo preferenciais incidem sobre o processo de construção da realeza na Baixa Idade Média com destaque para o papel do clero e a constituição da memória régia e sobre processos de mobilidade social.

É autora de 9 livros e de mais de 70 artigos e capítulos publicados em revistas e livros nacionais e internacionais, entre os quais se destacam como mais recentes: Ecclesiastics and political state building in the Iberian monarchies, 13th-15th centuries, ed. Herminia Vilar and Maria João Branco, New edition (online), Lisboa, Publicações do CIDEHUS (generated 20 November 2016); “A afirmação de Lisboa e a construção de uma arquidiocese: o entrelaçar de uma rede (1279-1393)” em Bispos e Arcebispos de Lisboa, dir. de João Luís Fontes e coord. de Mário Farelo, Filomena Andrade e António Camões Gouveia, 2018, CEHR-Livros Horizonte, pp. 107 – 122 and “Episcopal appointments and royal power: theory and practice of an unwritten privilege in medieval Portugal”, Imago Temporis. Medium Aevum, XI (2017): 233-254

Maria Helena da Cruz COELHO: Professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desde 1991.

Pertence a varias científicas nacionais (Academia Portuguesa de História, Academia de Ciências de Lisboa, Academia da Marinha, Sociedade Científica da Universidade Católica) e internacionais (Academia Real de História, Instituto Histórico-Geográfico de Minas Gerais, Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro), Comissão Internacional de Diplomata e Comissão de História das Instituições Parlamentares).

Pertence ao Conselho Científico de 7 revistas portuguesas e 5 estrangeiras. Esteve presente em quase cinco centenas de encontros e reuniões científicas no país e no estrangeiro (Espanha, França, Itália, Inglaterra, Escócia, Bélgica, Áustria, Alemanha, Grécia, República Checa, Noruega, ex-URSS, EUA, Canadá, Brasil, Marrocos), apresentadas, na maioria delas, comunicações e conferências.

Tem publicado, entre livros, artigos, artigos, recomendações, notícias, entradas em dicionários, mais de 260 estudos (alguns traduzidos em russo, espanhol, francês, italiano, inglês e alemão) que incidem sobre as mais diversas temáticas do período medieval, com destaque para a história política, religiosa, institucional, económico-social, a biografia, o mundo rural e o poder local.

Recebeu o Prémio Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian, sete prémios da Academia Portuguesa de História e medalha de mérito, Grau Ouro, da Câmara Municipal de Arouca. Foi agraciado pelo Senhor Presidente da República, no dia 10 de junho de 2011, com uma Ordem do Infante D. Henrique, Grande Oficial.

Mário FAROLO: Mestre e Doutor em História Medieval pela Universidade de Lisboa (2004; 2009). Investigador contratado pela Universidade Nova de Lisboa no âmbito do projeto VINCULUM: Entailing Perpetuity: Family, Power, Identity. The Social Agency of a Corporate Body (Southern Europe, 14th-17th Centuries). Membro integrado no Instituto de Estudos Medievais e membro colaborador do Centro de Estudos de História Religiosa e do Centro de História da Universidade de Lisboa. As suas áreas de especialização incidem sobre a história da Lisboa medieval e as relações entre Portugal e o Papado na tardomedievalidade. Investiga igualmente a história eclesiástica, urbana, diplomática e cultural do reino de Portugal no período medieval, nomeadamente a Universidade de Lisboa-Coimbra e a peregrinatio academica portuguesa nos períodos medieval e renascentista.